

## Raízes americanas

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do TRF  
da 5ª Região

Sempre elegi os clássicos – “Casa grande e senzala”, de Gilberto Freyre; “Formação do Brasil contemporâneo”, de Caio Prado Júnior; “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda e “Grande sertão: veredas”, de Guimarães Rosa – como o consagrado e verdadeiro quarteto de ouro das letras nacionais.

De todos eles, o que primeiro li foi o primoroso ensaio de Sérgio Buarque de Holanda, quando cursava o 3º ano ginasial, no Ginásio Diocesano de Patos, idos de 1957.

O livro, sabem todos, foi escrito em 1936.

Aliás, volta e meia, estou citando parte do pensamento de “Raízes do Brasil”, com o seu autor afirmando: “A grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse num instante preciso; é antes um processo demorado e que vem durando há três quartos de século. (...) Estaríamos vivendo assim entre dois mundos: um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz”.

Esta digressão, com transcrição de trecho da obra de Sérgio Buarque de Holanda, é preâmbulo para a leitura de um livro lançado pela Editora Rocco, com 249 páginas, do escritor e crítico brasileiro Silviano Santiago, com o sugestivo e insinuante título de “As raízes e o labirinto da América Latina”.

O espírito do livro é duplamente americano: interpretar dois clássicos da literatura do nosso continente: “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda, e “O labirinto da solidão”, do mexicano Octavio Paz.

Na sua obra, Sérgio Buarque de Holanda faz, com engenho e arte, a radiografia de corpo inteiro do caráter do brasileiro.

E é afirmativo quando realça o modelo e processo de criação, formação e consolidação da sociedade brasileira.

Para ele, por exemplo, a cordialidade é, exagero à parte, a jóia da coroa da alma nacional.

Silviano Santiago examina, com meticuloso senso de investigação, toda a estrutura das idéias e pensamentos de Sérgio Buarque de Holanda.

Na outra ponta, Santiago relê “O labirinto da solidão”, o mais polêmico livro de Octavio Paz.

No livro, revê, com a lente do crítico imparcial, o discurso modernista do escritor mexicano. Depois realça, em recente entrevista, que “os dois livros se entrecruzam sem se confundirem. Eles não se completam, portanto, numa unidade superior. Eles se suplementam e, por isso, ofereço Américas Latinas democráticas e plurais”.

Um livro, pois, que merece aprofundado mergulho nas suas páginas.